

# Fagundes Varela – Vida de flor

Por que vergas-me a fronte sobre a terra?  
Diz a flor da colina ao manso vento,  
Se apenas às manhãs o doce orvalho  
Hei gozado um momento?

Tímida ainda, nas folhagens verdes  
Abro a corola à quietação das noites,  
Ergo-me bela, me rebaixas triste  
Com teus feros açoites!

Oh! deixa-me crescer, lançar perfumes,  
Vicejar das estrelas à magia,  
Que minha vida pálida se encerra  
No espaço de um só dia!

Mas o vento agitava sem piedade  
A fronte virgem da cheirosa flor,  
Que pouco a pouco se tingia, triste,  
De mórbido palor.

Não vês, oh brisa? lacerada, murcha,  
Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,  
E em breve tempo esfolharei já morta  
Sem chegar ao verão?

Tem piedade de mim! deixa-me ao menos  
Desfrutar um momento de prazer,  
Pois que é meu fado despontar na aurora  
E ao crepúsc'ulo morrer!...

Brutal amante não lhe ouviu as queixas,  
Nem às suas dores atenção prestou,  
E a flor mimosa, retraíndo as pétalas,  
Na tige se inclinou.

Surgiu na aurora, não chegou à tarde,  
Teve um momento de existência só!  
A noite veio, procurou por ela,  
Mas a encontrou no pó.

Ouviste, oh virgem, a legenda triste  
Da flor do outeiro e seu funesto fim?  
Irmã das flores à mulher, às vezes  
Também sucede assim.

**Fagundes Varela – Noturnas**